



A tradução dos semitismos dos evangelhos nas bíblias laicas

The translation of the semitisms in the laics bibles

FRANCISCO BENEDITO LEITE ^a

Resumo

Nesse artigo, propomo-nos a analisar as traduções dos semitismos nas chamadas bíblias laicas. Para realização desse objetivo, apresenta-se brevemente as duas traduções da bíblia laica em língua portuguesa, as quais são analisadas por nós, em seguida, discute-se sobre o significado do semitismo nos Evangelhos, por fim procede-se com a análise de como os semitismos dos Evangelhos foram traduzidos para o português nas duas bíblias laicas que foram selecionadas.

Palavras-chave: Bíblia laica. Semitismo. Evangelho. Tradução.

Abstract

In this article, we propose to analyze the translations of Semitism in the so-called laic bibles. To achieve this objective, we briefly present the two translations of the secular bible into Portuguese, which are analyzed by us, then we discuss the meaning of Semitism in the Gospels, finally, we proceed with the analysis of how the semitism of the Gospels were translated into Portuguese in the two secular bibles that were selected.

Keywords: Laic bilbe. Semitism. Gospel. Translation.

^a Faculdade Messiânica (FMO), São Paulo, SP, Brasil. Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, e-mail: ethnosfran@hotmail.com

Introdução

Nosso objetivo fundamental no presente artigo é discutir a tradução dos semitismos dos Evangelhos nas bíblias laicas. Para delimitar nosso propósito, devemos dizer que discutiremos, exclusivamente, a tradução dos vocábulos semíticos e dos vocábulos gregos com sentido semítico, mas não trataremos da influência das línguas semíticas sobre a sintaxe do grego bíblico.

Procederemos, em primeiro lugar, por apresentar as duas edições laicas da Bíblia em língua portuguesa. Traremos informações elementares sobre seu significado para a tradução das Bíblias em seu contexto geral, assim como traremos uma apresentação sucinta dos tradutores, Frederico Lourenço e Marcelo Musa Cavallari.

Em seguida, apresentaremos os argumentos dos próprios tradutores das bíblias laicas para fundamentar o significado dos semitismos na língua do Novo Testamento. Embora seja tocado no assunto a respeito do propósito e da motivação que levou à realização dos semitismos nos Evangelhos, não há muito o que se dizer sobre esse assunto, porque não é o propósito do artigo.

Por fim, analisaremos como Lourenço e Cavallari traduziram os principais semitismos que aparecem nos Evangelhos. Uma vez que o propósito das traduções de ambos é oferecer uma versão da Bíblia mais literal possível, em vista do texto em grego, do qual foi traduzida, torna-se importante a verificação do modo como essas marcas das línguas semíticas transparecessem na tradução para a língua portuguesa, tendo passado pelo idioma grego.

O resultado para o qual aponta o nosso artigo é a importância das bíblias laicas, sobretudo no que diz respeito à língua poético-literária que a constitui. Uma língua que não é a da comunicação cotidiana, nem a formal/erudita, antes remete à dos primeiros cristãos, que utilizaram o grego, uma língua estrangeira para se expressarem.

Traduções laicas da Bíblia

Na última década, com as publicações das bíblias laicas de Frederico Lourenço (2017) e Marcelo Musa Cavallari (2020), os leitores da Bíblia em língua portuguesa de todo tipo – desde leigos e devotos até literatos e teólogos –

obtiveram acesso a duas importantes propostas de leitura da Escritura que são significativamente diferentes do que se tinha disponível até então no mercado editorial.

Por bíblias laicas, de acordo com a definição dada por Anderson de Oliveira Lima (2021), referimo-nos às traduções não realizadas por comissões religiosas, edições que modificaram o livro material, cujos comentários introdutórios e notas explicativas não têm objetivos doutrinários, ao invés disso seus resultados para os quais apontam podem ser considerados heterodoxos.

A existência de bíblias laicas, nesse sentido Bíblias com propostas de abordagem material e interpretativa secularizadas, é parte do fenômeno mais amplo de secularização que ocorre na sociedade, o qual propõe que os objetos religiosos têm sido tomados como patrimônio e expressão da cultura humana universal. Isso é feito mesmo sem ignorar a história religiosa do determinado objeto tomado da religião, que deixa de estar unilateralmente submisso à instituição e ao pensamento religioso para receber um olhar – se preferir: uma perspectiva – que o inclua na vida e na história da sociedade secular.

Embora esteja surgindo no Brasil nesse momento, ao menos esse tipo de proposta de abordagem da Bíblia não é necessariamente uma novidade. Erich Auerbach, em *Mimesis* (2011), *Ensaio de Literatura Mundial* (2007) e outros livros, já escrevia na primeira metade do século XX sobre os textos bíblicos inseridos na *Weltliteratur* [alem. Literatura mundial], por isso a posterior publicação das bíblias laicas é vista como desenvolvimento e concretização das ideias do filólogo judeu-alemão.

Quanto aos tradutores das bíblias laicas brasileiras que estamos abordando, Frederico Loureço é um filólogo português, cujo trabalho de tradução é amplamente reconhecido, sobretudo pelas aclamadas traduções para a língua portuguesa que realizou da *Ilíada* (HOMERO, 2013) e da *Odisseia* (HOMERO, 2011). O estudioso declara-se como um agnóstico amante da tradição cristã na qual seu país envolve todos que se dedicam à cultura¹. Marcelo Musa Cavallari é um intelectual reconhecido na sociedade brasileira,

¹ Declaração feita pelo próprio Frederico Lourenço em preleção no Afiteatro do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas no dia 2 de agosto de 2017.

formado em Letras, atua como jornalista, tem várias publicações relacionadas com o catolicismo e traduções de livros para língua portuguesa, é católico praticante.

No entanto, de acordo com as propostas de tradução laica da Bíblia, o fato de seus tradutores serem agnósticos e católicos não interfere nas traduções que realizaram porque eles não inseriram em seus projetos de tradução suas perspectivas individuais sobre a religião cristã; ao invés disso, fizeram suas traduções no empenho de oferecer uma versão do texto que privilegia a forma literária e que seja a mais literal possível, no que diz respeito à relação com a língua grega.

Mesmo que algo de subjetivo esteja em qualquer tradução, no caso dessas duas propostas o que se nota é o empenho pela literalidade na tradução do texto em língua portuguesa, assim como o esforço por apresentar a Bíblia como um objeto da cultura humana ou, se quisermos utilizar o tempo empregado por Auerbach, da *Weltliteratur*.

No que diz respeito particularmente às edições das bíblias laicas – que foram produzidas de acordo com a proposta de secularização que mencionamos acima –, Lima afirma o seguinte:

Em suma, vive-se atualmente um tempo em que a Bíblia – essa antologia de variegadas expressões humanas –, assume novas formas; ela passa a ser revisitada, relida, reinterpretada, outra vez traduzida, novamente publicada, e tudo é feito de uma perspectiva contemporânea através da qual as visões de mundo e as axiologias de povos antigos podem ser debatidas, usadas ou mesmo negadas sem que o crítico esteja sujeito a sanções impostas por velhas exigências religiosas (LIMA, 2021, p. 2).

Em língua portuguesa, conforme já mencionamos, duas Bíblias laicas foram publicadas nos últimos anos: a de Frederico Lourenço, cuja obra completa existe em edição portuguesa composta de cinco volumes, mas em edição brasileira há apenas três volumes Evangelhos (2017), Apóstolos, Epístolas e Apocalipse (2018) e Os livros proféticos (2019); a outra Bíblia laica em língua portuguesa é a edição bilíngue dos Evangelhos de Marcelo Musa Cavallari (2020).

Como já dissemos também, a tradução dos Evangelhos nas bíblias laicas é caracterizada pela literalidade. Na verdade, de acordo com a linguagem que

os exegetas estão acostumados a usar, podemos dizer que ambas as traduções seguem o princípio da correspondência formal, isto é, tanto quanto possível, os tradutores se esforçaram por manter cada palavra da língua de chegada (português) atrelada às palavras correspondentes da língua de saída (grego).

Como se trata de bíblias laicas, os tradutores não estavam preocupados com termos consagrados por qualquer tradição religiosa nem com fórmulas linguísticas que remetem às antigas concepções teológico-dogmáticas, como sabemos que ocorreu com as opções feitas pelos tradutores das edições da Bíblia cristã produzidas por casas publicadoras cujas mantenedoras são instituições religiosas.

De acordo com a busca pela literalidade na tradução, que ambos os tradutores assumidamente buscaram, notamos que nessas bíblias privilegia-se a forma, o que rompe com a tradição canônica de traduzir a Bíblia que os teólogos estão acostumados. Quer assumam ou não, as traduções feitas por instituições religiosas preocupam-se com a utilização de uma linguagem que não entre em conflito com os dogmas cristãos, sobretudo os estabelecidos nos sete primeiros concílios ecumênicos. O sinal mais evidente disso é a tradução de $\piνεϋμα$, que ordinariamente significa “vento, sopro”, por “Espírito”, frequentemente grafado com letra maiúscula e precedido por artigo definido, apesar de não constarem esses elementos no texto grego.

Assim, podemos dizer que Evangelhos nas bíblias laicas se constituem como textos poético-literários, no sentido em que essencialmente, por sua forma, a poesia e a literatura diferenciam-se da linguagem ordinária, utilizada na corriqueira comunicação cotidiana, conforme a definição dada pelos formalistas russos (TODOROV, 2013).

Desse modo, por se tratar de uma língua diferente daquela que estamos acostumados a utilizar na comunicação cotidiana, qualquer leitor que acessar uma dessas duas bíblias laicas perceberá a especificidade de sua língua, ainda que não tenha condições de compreender de onde vêm suas características linguísticas e formais nem o porquê de sua constituição como língua diferenciada. Nesse sentido, Cavallari assumiu: “A língua dos Evangelhos é, para seus autores e ouvintes, desde sempre, uma língua estrangeira. Diante dessa língua única somos todos exilados” (2020, p. 45). E é exatamente essa

sensação de exilados diante de uma experiência com a língua portuguesa, que sentimos com essas traduções.

Note esses efeitos que estamos mencionando no excerto da conhecida passagem da cura da sogra de Simão:

E logo, tendo eles saído da congregação, vai à casa de Simão e André com Jacó e João. A sogra de Simão estava deitada com febre e logo dizem a ele sobre ela. E, tendo ido a ela, levantou-a, tendo-lhe segurado a mão, e largou-a a febre. E servia a eles (Mc 1.29-31) (EVANGELHOS, 2020).

Em primeiro lugar, notamos que a frase começa com uma conjunção “e”, que não é um recurso estilístico apreciável em língua portuguesa, mas é uma das principais marcas da língua dos Evangelhos, note também que há outra conjunção no início da última oração desse texto. Em segundo lugar, observe que ao invés de “sinagoga”, Cavallari coloca “congregação” em sua tradução, e, ao invés de “Tiago”, coloca “Jacó” para se referir a um dos discípulos de Jesus. Ambas as opções de tradução feitas por Cavallari diferenciam-se do que estamos acostumados, mas são opções tomadas com consciência e convicção de que representam as melhores formas de verter os termos da língua grega para o português de forma literal. Por fim, em terceiro lugar, o tradutor opta pela conjugação dos verbos no presente, enquanto a maioria das outras traduções colocam as narrativas dos Evangelhos no pretérito perfeito, mesmo que no grego os verbos estejam conjugados no aspecto contínuo. A manutenção da narrativa do Evangelho no presente aumenta a dramaticidade do que se relata, como se fosse uma história contada em tempo real. Isso reproduz um pouco da sensação que os primeiros cristãos reunidos em comunidade sentiram ao ouvir o Evangelho, proclamado em suas assembleias no momento do culto.

Quanto à tradução de Frederico Lourenço, vejamos uma parte do conhecidíssimo sermão da montanha:

Bem-aventurados os mendigos pelo espírito,
porque deles é o reino dos céus
Bem-aventurados os que estão de luto,
porque eles serão reconfortados.
Bem-aventurados os gentis,
porque eles herdarão a terra.
Bem-aventurados os esfomeados e os sedentos de justiça,

porque eles serão saciados.
Bem-aventurados os misericordiosos,
porque eles serão alvo de misericórdia.
Bem-aventurados os puros pelo coração,
porque eles verão a Deus.
Bem-aventurados os que fazem a paz,
porque eles serão chamados filhos de Deus.
Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça,
porque deles é o reino dos céus.
Bem-aventurados sois vós
quando [...] (Mt 5.3-11) (BÍBLIA, 2017).

Destacamos, nessa passagem bíblica que os vocábulos “mendigos”, “esfomeados”, “os que fazem a paz” proporcionam um impacto que correlaciona os leitores com as pessoas que faziam parte do segmento de Jesus de Nazaré e, posteriormente, os primeiros cristãos das comunidades espalhadas pelo Mediterrâneo. Em sua maioria os seguidores de Jesus e depois os primeiros cristãos não eram apenas “pobres”, mas mendigos; não apenas pessoas que “tinham fome”, mas “esfomeados”; não apenas “pacificadores”, mas pessoas “que fazem a paz” – se é que podemos inferir uma diferença no significado desse último. De qualquer modo, essa leitura proporciona uma renovação nos sentidos de um texto já conhecido. Apesar de ser uma renovação, muito provavelmente essa tradução está mais próxima do texto grego do que a grande maioria das traduções que tivemos acesso até hoje, senão de todas.

Semitismos na língua dos evangelhos

Muitas características particulares das traduções das Bíblias laicas poderiam ser abordadas em uma análise que pretende apontar para suas características particulares, mas aqui nos dedicaremos a abordar apenas uma delas, a saber, o modo como traduzem os semitismos. Para sermos mais claros quanto à limitação de nosso empenho nesse artigo, deixamos claro que analisaremos apenas os vocábulos semíticos dos Evangelhos, embora pudéssemos também analisar os semitismos nas construções sintáticas, deixaremos isso para outra ocasião.

Cardoso (2011) apresenta os semitismos como uma das particularidades do grego do Novo Testamento e lista várias de suas ocorrências nos livros

bíblicos. Benício (2005), por sua vez, apresenta os semitismos como uma das características da língua de um determinado códice o Evangelho segundo Marcos, mas o conteúdo que o estudioso apresenta em seu artigo serve para compreender as aparições dos mesmos fenômenos de linguagem nos outros três Evangelhos canônicos.

Para entendermos o que é semitismo, vejamos o que escreve o próprio Cavallari na apresentação de sua tradução dos Evangelhos quando trata da língua dos Evangelhos:

A koiné grega é muito mais simples do que o grego clássico. E traz marcas não só dos diferentes dialetos gregos a partir dos quais se amalgamou, mas de hábitos de falantes de línguas completamente diferentes do grego. Entre esses estavam, no Oriente Médio do tempo de Jesus, os judeus.

As marcas especificamente devidas ao contato com línguas semitas, como são o hebraico e o aramaico, são chamadas de semitismos" (OS EVANGELHOS, 2020, p. 43).

O tradutor dos evangelhos, em seguida, explica o que justifica a utilização do grego coine por parte dos autores bíblicos e a ocorrência dos semitismos, que, conforme explicou, são marcas devidas ao contato com as línguas semitas:

Tudo o que, no Evangelho, se afasta muito do grego literário de sua época foi atribuído à contaminação da língua pelos evangelistas que, não sendo gregos de nascimento e não tendo profissões que exigissem muita educação formal, seriam maus falantes do grego (OS EVANGELHOS, 2020, p. 44).

De acordo com esse argumento que apresenta inicialmente, a utilização do grego coine e a frequente ocorrência de semitismos na língua dos Evangelhos devem-se à simplicidade dos autores dos referidos relatos bíblicos, os quais não eram eruditos, tampouco especializados na utilização da língua grega em alto nível. Ao invés disso, esses autores mal falavam o grego, já que, provavelmente, eram pessoas humildes e de pouca educação.

No entanto, o próprio Cavallari (2020) sobrepõe outro argumento para justificar a ocorrência de tantos e tão frequentes semitismos ao longo dos Evangelhos. De acordo com esse outro argumento, ao invés de se dever a uma limitação na capacidade de se comunicar em língua grega em estilo elevado, os semitismos são recursos de linguagem utilizados de propósito; na verdade,

servem para sofisticar a língua dos Evangelhos, tornando-a mais parecida com a língua em que foi produzida a Bíblia dos Setenta, a Septuaginta (LXX).

Os semitismos que traz, portanto, são intencionais. Visam parecer com o grego usado na Septuaginta [...] Ainda que marcado pelos semitismos, intencionais ou não, o grego falado pelos judeus nunca chegou a constituir um dialeto separado (OS EVANGELHOS, 2020, p. 44).

Lourenço partilha da opinião de que os semitismos dos Evangelhos eram intencionais, pois os evangelistas interiorizaram a Septuaginta e expressavam seu conteúdo ao construir as narrativas da vida de Jesus, por exemplo:

Como conhecemos que também eram da língua aramaica (e, eventualmente, também leitores do hebraico), os quatro evangelistas estavam naturalmente sob a influência de um ambiente linguístico que não era 100% helênico (apesar da forte helenização, à época, das elites da Judeia) e, por isso, há no seu estilo de redação algumas marcas semíticas que, no entanto, não são a característica que mais chama a atenção de quem lê os evangelhos no original grego. O que, de fato, chama a atenção é o grau de interiorização, por parte de qualquer dos evangelistas, da versão grega da Escritura hebraica (o texto dos *Septuaginta*) (BÌBLIA, 2017, p. 40).

Entendo que o fato de a utilização dos semitismos ser intencional ou não intencional nos Evangelhos não altera o julgamento de que eles se constituem como literatura popular [alem. *Kleinliteratur*] em determinado contexto histórico-social e cultural, como afirmou Kümmel (1982, p.36) e tantos outros teólogos e filólogos (BAKHTIN, 2010; AUERBACH, 2011) que utilizei para tratar do assunto em meu livro: *Ele Está Fora de Si* (LEITE, 2020). De acordo com esses argumentos, a linguagem do Evangelho é popular em vista dos cânones da língua grega, e o simples fato de haver estrangeirismos já implica isso.

Bem, momentaneamente não podemos e não pretendemos resolver a pergunta sobre a intencionalidade e a motivação dos semitismos na língua dos evangelhos. Para nós, basta constatá-los como uma das características mais recorrentes nos Evangelhos e em outros livros da Bíblia. A constatação da existência nos conduz à verificação de sua tradução para a língua portuguesa nas bíblias laicas, pois, se a proposta desses tradutores tem a ver com a forma, essa característica não pode ser ignorada.

Análise das traduções dos semitismos

Palavras semíticas aparecem em toda parte do Novo Testamento. São palavras e formulações do hebraico e do aramaico – línguas semíticas – que se intrometem no texto grego. Como os autores citados já expressaram, a aparição frequente desses vocábulos são marcas devidas ao contato com as línguas semíticas, quer tenham sido realizadas propositalmente como recurso estilístico, quer, pelo contrário, tenham ocorrido justamente por falta de recurso linguístico daquele que as produziu, dada sua baixa cultura.

Palavras como γέεννα [transl. *géenna*] (Mc 9.43; Lc 12.5); Σατανᾶς [Satanás] (Mc 3.26; Lc 22.3); ὡσαννά [transl. *hosanná*] (Mt 21.9; Mc 11.10) aparecem transliteradas na maioria das traduções da Bíblia, portanto não são novidade nem exclusividade das Bíblias laicas.

Em outros casos, há a utilização do verbo “conhecer” [gr. γινώσκω] como eufemismo para relação sexual (Mt 1.25; Lc 1.34); utilização do vocábulo “carne” [gr. σάρξ] para se referir ao ser humano (Jo 1.14); utilização da palavra filho [gr. υἱός] para estabelecer um elo entre qualidades morais de dois ou mais indivíduos (Lc 19.9; Lc 20.34). Todos esses recursos típicos da Bíblia Hebraica são utilizados também no Novo Testamento grego. No caso, os vocábulos mencionados foram traduzidos para o grego pelos autores bíblicos, mas prevaleceu o sentido que tinham na língua hebraica. A maioria das bíblias que conhecemos também trabalhou bem tais palavras.

No entanto, ganha destaque o modo como as bíblias laicas traduzem o verbo σπλαγχνίζω [transl. *splanchnídzō*], que está relacionado com o substantivo σπλάγχνον [transl. *splánchnon*], que literalmente significa “vísceras” e metaforicamente significa “compaixão, misericórdia” (RUSCONI, 2005, p. 424), uma vez que, de acordo com a cultura dos povos semitas, o sentimento de misericórdia, de compaixão, é produzido nas entranhas.

Sempre que aparece o verbo σπλαγχνίζω, Cavallari (2020) traduz por “ter as entranhas revolvidas”, enquanto Loureço (2017) traduz por “condoer-se”. Tanto em um quanto em outro caso as opções são mais literais do que a fórmula consagrada pela tradução de João Ferreira de Almeida: “moveu-se de íntima compaixão”. Certamente ficaria difícil para um leitor entender que “ter

as entranhas revolvidas” é sinônimo de “ter misericórdia”, mas essa opção mantém a tradução próxima da construção semítica feita em língua grega (Cf. Mt 14.14; Mc 6.34; Lc 7.13).

A fórmula ἀνίσταμαι σπέρμα [transl. *anístamai spérma*] (Mt 22.24; Mc 12.19; Lc 20.28), cujo significado é óbvio, em todas as passagens citadas, por serem textos que mencionam a lei do levirato (um homem deve desposar a viúva de seu irmão falecido para suscitar-lhe descendência, honrando assim a sua memória) verifica-se a tradução “erguer descendência” em Cavallari (2020); e “levantar semente” em Loureço (2017).

Na língua hebraica, o vocábulo נֶפֶשׁ [transl. *néfesh*] é utilizado para se referir ao aparelho respiratório, mas, por extensão, refere-se também à vida, uma vez que a vida depende da respiração. Assim como no caso de “entranhas” estar relacionado com “misericórdia”, a “respiração” está relacionada com a vida, demonstrando que o vocabulário utilizado na cultura grega para se referir a sentimentos e elementos não materiais é diferente do utilizado no hebraico, o qual é basicamente fisiológico. A Septuaginta traduziu essa palavra por ψυχή [transl. *psychê*], embora a utilização que os gregos tivessem feito dessa palavra tenha dado a ela um rico e diferenciado significado. Em Mateus 2.20, quando se menciona que Herodes pretendia assassinar o menino Jesus, aparece a formulação ζητεῖν ψυχὴν [transl. *dzeteîn psychê*], na qual a primeira palavra é o verbo: “procurar, buscar”. Essa fórmula é traduzida por Cavallari (2020) como “buscar a alma”, e por Lourenço (2017) como “procuravam matar”.

O pleonasma, figura de linguagem típica e frequentemente utilizada na Bíblia Hebraica, aparece no Novo Testamento pela fórmula recorrente: ἀνοίγειν τὸ στόμα [transl. *anoígein tó stóma*] (Mt 5.2; 13.35). Isso se constitui como uma redundância, porque nas passagens mencionadas, a informação dada é que Jesus abriu a boca para falar, de modo mais literal, tendo a boca aberta, falou, o que é uma atividade absolutamente presumível para qualquer pessoa que se coloque a falar. Mesmo que a maioria das traduções modernas ignore essa figura, ambas as Bíblias laicas mantiveram o pleonasma “aberta a boca” (EVANGELHOS, 2020) e “abrindo a boca” (BÍBLIA, 2017).

Trata-se de exemplos semelhantes as traduções dos pleonasmos ἀκοῆ ἄκούσετε [transl. *akoêi akúsete*] (Mt 13.14) e ἐπιθυμία ἐπεθύμησα [transl.

epithymía epetýmesa] (Lc 22.15), mantidas nas traduções das Bíblias laicas respectivamente como: “A ouvir ouvireis” (EVANGELHOS, 2020) “pela audição ouvireis” (BÍBLIA, 2017) e “com ansiedade ansiei” (EVANGELHOS, 2020) “com desejo eu desejei” (BÍBLIA, 2017).

A expressão que aparece em Mateus 16.28 *γεύομαι θανάτου* [transl. *geúomai thanátu*], que entendo que seria bem traduzido em sua literalidade por “sentir o gosto da morte”, referindo-se obviamente à ocorrência do falecimento, é traduzida por Cavallari (2020) como “saborear a morte”, que, nesse caso, pareceu-nos uma opção estranha, uma vez que só se saboreia aquilo que tem um bom sabor; e esse não deve ser o caso da morte, mesmo que em sentido simbólico. Diferentemente disso, Lourenço (2017) optou por “provar a morte”, que me parece uma opção melhor, mesmo levando em conta a literalidade.

ἔχειν εἰς [transl. *échein eis*], que aparece em Mateus 21.46 no sentido de “Jesus era considerado”, também é um semitismo, uma vez que na língua hebraica utiliza-se a ideia “ter alguém como” para se referir ao modo como essa pessoa era considerada. Tanto Cavallari (2020) quanto Lourenço (2017) mantêm o verbo “ter” em suas traduções.

O mesmo acontece como *ὁμολογεῖν ἐν* [transl. *homologeîn en*] (Mt 10.32) traduzido por Cavallari (2020) e Lourenço (2017) como “reconhecer”, com base no significado pretendido via língua hebraica, uma vez que no grego a principal acepção do verbo *ὁμολογέω* (transl. *homologéō*) é “confessar, professar”.

Tradicionalmente traduzido para a língua portuguesa como “juiz iníquo”, na verdade esse sintagma nominal não aparece na língua grega como um substantivo ao lado de um adjetivo, mas sim como um substantivo no nominativo ao lado de um artigo no genitivo, ambos precedidos por artigos: *ὁ κριτῆς τῆς ἀδικίας* [transl. *ho kritès tês adikías*] (Lc 18.6). Nesse caso, há o genitivo de qualidade, isto é, a utilização do genitivo para atribuir uma qualidade. Tanto Cavallari (2020) quanto Lourenço (2017) transparecem em suas traduções a utilização desse recurso feito na língua grega por meio da tradução “juiz da injustiça”, que aparece em ambos.

Quanto ao semitismo relacionado com a língua aramaica, devemos mencionar o patronímico *Βαριωνᾶ* [transl. *Bariômã*] (Mt 16.17), que ficou

conhecido em língua portuguesa como “Barjonas”, mas aparece apenas transliterado na tradução de Cavallari (2020) como “Barionas” e traduzido como “Filho de Jonas” na tradução de Lourenço (2017).

Nomes de lugares como Γολγοθᾶ [transl. *Golgothã*] “Gólgota” (Mt 27.33) são apenas transliterados nas Bíblias laicas. No entanto, a transliteração nem sempre é feita a partir dos mesmos critérios, conforme podemos notar por Γαββαθᾶ [transl. *Gabbathá*] (Jo 19.13), que aparece como “*Gabbatha*” na tradução de Cavallari (2020) e como “*Gabatá*” na tradução de Lourenço (2017).

Os outros vocábulos aramaicos do Novo Testamento grego também são apenas transliterados: ἄββᾶ (transl. *abbá*) (Mc 14.36) “*Abba*” (EVANGELHOS, 2020) e “*Abbá*” (BÍBLIA, 2017); ἐφφαθᾶ (transl. *ephphathá*) (Mc 7.34) “*Epphata*” (EVANGELHOS, 2020) “*Ephphatha*” (BÍBLIA, 2017); ῥαββουνί (transl. *rabbuní*) (Jo 20.16) “*Rabbouni*” (EVANGELHOS, 2020) “*Rabbouni*” (BÍBLIA, 2017); ταλιθά κούμ (transl. *talithá kúm*) (Mc 5.41) “*Talitha cum*” (EVANGELHOS, 2020) “*Talitha koum*” (BÍBLIA, 2017); ἐλωί ἐλωί λεμὰ σαβαχθανί; (transl. *elôí, elôí lemà sabakhthaní;*) (Mc 15.34) *Eloi, Eloi, lema sabactani* (EVANGELHOS, 2020) *Elôí, Elôí, lemá sabachtáni?* (BÍBLIA, 2017). Se bem que ῥαββί (transl. *rabbí*) (Mt 23.7) é transliterado como “*rabi*” por Cavallari (EVANGELHOS, 2020), mas traduzido como “*mestres*” por Lourenço (2017).

Considerações finais

Modestamente, nosso artigo procurou demonstrar que as bíblias laicas reproduzem um pouco da sensação fruída pelos primeiros cristãos, os quais se viram diante da necessidade de se relacionar com seu livro sagrado, que estava escrito em língua estrangeira, aprendendo assim a entender uma língua pela qual se sentiam exilados.

Uma tradução que ignore as marcas dos semitismos não transmitirá aos leitores de hoje em dia, que estão afastados do texto original por tantos séculos, por tamanha distância geográfica e por múltiplas camadas culturais que se sobrepõem entre eles, a sensação de que os livros do Novo Testamento foram escritos em uma língua estrangeira, como perceberam os primeiros cristãos ao ler seu livro sagrado.

As bíblias laicas, justamente por não estarem comprometidas com a Teologia nem com uma tradição de traduzir a Bíblia a partir de modelos canonizados, conseguiram oferecer uma renovação na leitura da Escritura, ao menos pudemos verificar tal problemática no que diz respeito ao assunto que analisamos anteriormente.

Portanto, no que toca à tradução dos semitismos dos Evangelhos, os tradutores das bíblias laicas foram bem-sucedidos ao privilegiar a forma literária em seu ato de traduzir e, assim, conseguiram manter as marcas da comunicação concreta que se efetivava entre os primeiros cristãos em relação ao seu livro sagrado.

Referências

ALAND, B.; ALAND, K. et al. (eds.). *Nestle-Aland: Novum Testamentum Graece*. 28. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

AUERBACH, E. *Ensaio de Literatura Ocidental: Filologia e Crítica*. Trad. S. Titan Jr. e J. M. M. de Macedo. São Paulo: Livraria Duas Cidades/Editora 34, 2007.

AUERBACH, E. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Coleção Estudos, 2).

BAKHTIN, M. M. Da pré-história do discurso romanesco. In: BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6. ed. Trad. A. F. Bernadini et al. São Paulo: Hucitec, 2010. p.363-398.

BENÍCIO, P. J. A língua do Evangelho Segundo Marcos no códice grego da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. *Fides Reformata*, Universidade Presbiteriana Mackenzie, X, n. 1, p. 101-113, 2005. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/5-A-l%C3%ADngua-do-evangelho-segundo-Marcos-no-c%C3%B3dice-grego-da-biblioteca-nacional-do-Rio-de-Janeiro-Paulo-Jos%C3%A9-Ben%C3%ADcio.pdf>. Acesso em: 12 maio 2022.

BÍBLIA. *Volume I: Novo Testamento – Os Quatro Evangelhos*. Tradução do grego, apresentação e notas F. Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BÍBLIA. *Volume II: Novo Testamento – Apóstolos, Epístolas, Apocalipse*. Tradução do grego, apresentação e notas F. Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BÍBLIA. *Volume III: Antigo Testamento – Proféticos*. Tradução do grego, apresentação e notas F. Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CARDOSO, A. de B. Particularidades do Grego do “Novo Testamento”. *Humanitas*, Universidade de Coimbra, n. 11-12, p. 145-155, 2011. Disponível em:

https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas11-12/12_Brito_Cardoso.pdf. Acesso em: 12 maio 2022.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. F. Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. F. Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LEITE, F. B. *Ele está fora de si: a linguagem popular do Evangelho conforme Marcos*. São Paulo: Editora Recriar, 2020.

LIMA, A. O. Textos religiosos na cultura secular: características das Bíblias laicas a partir da análise do Salmo 2. *Reflexão*, v. 46, e214994, 2021. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/4994/3217>. Acesso em: 12 maio 2022.

KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento*. 17. ed. Trad. J. Paixão e I. F. L. Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

OS EVANGELHOS: Uma tradução. Tradução, apresentação e notas M. M. Cavallari. Prefácio: J. Â. Oliva Neto. Edição Bilíngue. São Paulo: Ateliê Editorial/Mnema, 2020.

RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. 2. ed. Trad. I. Rebuske. São Paulo: Paulus, 2005.

TODOROV, T. *Teoria da Literatura: Textos dos formalistas russos*. Trad. R. L. Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

RECEBIDO: 13/05/2022
APROVADO: 24/06/2022

RECEIVED: 05/13/2022
APPROVED: 06/24/2022